

Aula 6

PAÍSES SEMI-EMERGENTES: MÉXICO, ÁFRICA DO SUL, INDONÉSIA, MALÁSIA, TAILÂNDIA E VIETNÃ

META

Estudar as características dos países semi-emergentes;
identificar os indicadores de condições de vida dos países semi-industrializados;
analisar a relação sociedade-natureza e subdesenvolvimento.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
Acaracterizar o quadro natural e social dos países semi-emergentes;
analisar o quadro demográfico e a mobilidade sócio-espacial da população;
identificar os principais dilemas que fazem parte do cotidiano dos países em desenvolvimento.

PRÉ-REQUISITOS

Estudar a categoria região geográfica; teoria da dependência; conceito de imperialismo, neocolonialismo.
Ler novamente as aulas anteriores do livro didático.

Marcelo Alves Mendes

INTRODUÇÃO

Estudamos nas aulas anteriores que a exploração entre as nações é fruto do processo histórico de dominação e subordinação provocado pela expansão do capital e que o ordenamento sócio-espacial mundial é resultado das relações estabelecidas entre os países ao longo dos séculos. A partir deste contexto, fica mais fácil entender as razões e significado do subdesenvolvimento para muitos países que foram ocupados e explorados, repercutindo no processo de transformação do modo de produção, nos costumes, nas crenças e tradições que representam o modo de viver e de se relacionar com os recursos e com seus povos. No entanto, tal processo ocorreu em escalas geográficas diferenciadas entre os continentes e as diferentes culturas, sendo que algumas áreas incorporaram mais rapidamente os valores e costumes do mundo “civilizado”, enquanto em outras ainda há traços coloniais. Por isto, algumas nações colonizadas conseguiram crescer economicamente mais do que outras, enquanto que há países em que os aspectos culturais refletem hábitos tradicionais assim como o modo de produção reflete a forma de organização territorial.

Nesta aula, também será discutida a relação entre os aspectos naturais, sociais, políticos, econômicos e culturais que compõem e se relacionam no espaço geográfico dos países em desenvolvimento, daí a importância da análise multidimensional do espaço para compreender a relação entre os elementos responsáveis pelo ordenamento territorial dos países em questão.

Inicialmente será discutido o enfoque regional na Geografia a fim de contextualizar todos os países estudados na referida aula dentro de uma relação espaço-temporal em suas diversas escalas de investigação. Didaticamente, os países semi-emergentes serão apresentados nesta aula separadamente, no entanto, não se pode esquecer de contextualizá-los no espaço e tempo na relação local-global.

BREVE COMENTÁRIO SOBRE A CATEGORIA REGIÃO

Assim como a categoria Espaço, a noção de região integra o cotidiano das pessoas e também está presente nas discussões acadêmicas e científicas. Porém, em função das mudanças tecnológico-científicas, a discussão da região enquanto categoria de análise torna-se complexa, necessitando de uma ampla discussão sistemática. Tal fato cria a possibilidade de análises regionais diferentes de um mesmo objeto de estudo, fazendo com que haja a morte ou não da região. É neste contexto que Haesbaert problematiza a volatilidade da região em seu processo histórico de ascendência e descendência, de ida e vinda ou, como o próprio autor denomina metaforicamente, de “mortes” e “ressurreições” da região. Neste sentido, Haesbaert diz que “o

ir-e-vir dos conceitos ao longo da história de um campo de conhecimento é revelador da busca não tanto de novas expressões, de novas palavras, mas, sobretudo, de novos conteúdos que estas palavras carregam, capazes de revelar as transformações da realidade” (2002. p. 2).

Portanto, com o advento da globalização, surge um mundo mais complexo, no sentido da organização espacial, gerando diferentes possibilidades de se trabalhar o conceito de região. A globalização não suprime a diversidade e, neste sentido, a região mantém-se como categoria analítica, porém, com múltiplos e complexos recortes. A sua construção não se faz mais pelas características naturais e tampouco pela relação de dominação em que pese a existência de um poder central e de um espaço dominado em relação a outro hegemônico.

É neste sentido que Lavinias (1993), ao buscar uma requalificação dos conceitos, no momento em que discute a questão do desenvolvimento tecnológico responsável por uma nova reorganização espacial, mostra claramente que o poderio técnico-científico-informacional hegemônico influencia na reorganização espacial, na superposição de regiões distintas, a partir de novas concepções de região.

Contudo, cabe aos geógrafos perceberem as mudanças contemporâneas e tentar propor novas formas de interpretação ou aplicação de velhos conceitos reestruturados de forma consistente e coerente, para que se consigam resultados satisfatórios em seus trabalhos de pesquisa.

MÉXICO NO CONTEXTO REGIONAL

Os países semi-emergentes podem ser definidos como aqueles países que estão em situação de dependência econômica, mas que são cada vez mais incorporados ao processo de integração/desintegração dos países centrais por meio do capital global em busca de explorar novos mercados consumidores, vantagens competitivas, mão-de-obra, matéria-prima entre outros elementos que atendem ao interesse dos países industrializados e suas multinacionais.

Com o propósito de compreender o México em sua totalidade, o território será analisado de acordo com a divisão regional, levando em consideração os principais aspectos geográficos das regiões. Desta maneira o México é dividido em: Península baixa Califórnia, México central, Istmo e golfo do México, Norte do México, Costa do pacífico e Península de Yucatã.

O México apresenta superfície de 1.972.546 Km², localizando-se no extremo sul da América do Norte, tendo como limites os Estados Unidos na porção norte, o golfo do México na porção leste, Belize e Guatemala na porção sul e o oceano pacífico na porção oeste. Seu nome oficial é Estados Unidos Mexicanos possuindo a Cidade do México como capital, destacando-se entre os três maiores centros econômicos do país seguido apenas por Guadalajara e Monterrey.

A história econômica e política dos países latino-americanos, particularmente, Brasil, México e Argentina, basicamente se confundem de maneira geral, pois conseguiram conquistar a independência no século XIX e iniciaram o processo de industrialização após a Primeira Guerra Mundial, intensificando-se na década de 1930. Tal processo é resultado de forças internas e externas, pois o pós-guerra (1914-1918) gerou um quadro de instabilidade econômica e política tanto nos países desenvolvidos, quanto nos países periféricos, haja vista que estes dependiam da exportação da economia primária e da importação dos produtos manufaturados.

Portanto, a crise de 1929 e a depressão que se seguiu fizeram com que os países industrializados passassem a comprar menos produtos primários e por sua vez, também passou a vender menos para os países periféricos tendo em vista a descapitalização destas nações provocadas pela crise estrutural do mercado global. Vale ressaltar que esta crise ficou mais intensa após a Segunda Guerra Mundial, que foi acompanhada pelo processo de independência e descolonização de várias nações africanas e asiáticas.

CHIAPAS - ORIGEM E CONFLITOS

No início da década de 1990, o México aproximou-se bastante da economia dos Estados Unidos, com a criação do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA). Na época, o capital norte-americano apoderou-se de setores altamente rentáveis da economia mexicana, como o petroquímico.

Na província de Chiapas, no sul do México, começou então um movimento guerrilheiro que contestava essa adesão ao expansionismo norte-americano. O Exército Zapatista de Libertação Nacional era um movimento de esquerda, de caráter libertário, que denunciava as precárias condições de vida da população camponesa e indígena, e exigia atenção especial das lideranças políticas para população pobre do país. Este movimento ganhou apoio internacional e passou a controlar diversas áreas de Chiapas. Várias tentativas de acordo foram feitas tentando cooptar o movimento revolucionário, mas os resultados foram frustrantes. No entanto, aproximadamente duas décadas se passaram e a região sul do México, particularmente a província de Chiapas, continua apresentando indicadores sociais e econômicos baixos se comparado aos indicadores sociais da população domiciliada nas províncias ao norte do país.



Chiapas.

ÁFRICA DO SUL

Assim como o continente africano, a África do Sul também é caracterizada pela diversidade de culturas, idiomas, crenças e de aspectos naturais, tornando-se conhecida pela pluralidade de paisagens que marca a distribuição e o ordenamento territorial do espaço sul-africano.

Embora seja registrado no quadro populacional predomínio da população negra, aproximadamente 80%, a diversidade étnico-racial é uma das características marcantes desse país, com destaque para os povos ingleses, holandeses, indianos, entre outros. Apesar de apresentar a maior economia do continente africano, contraditoriamente se podem perceber as desigualdades sociais e os baixos indicadores de vida fazendo parte do cotidiano da maioria dos habitantes da África do Sul.

Essa pluralidade de fatores da África do Sul associada à dependência econômica e política das nações desenvolvidas, assim como a presença de onze línguas oficiais – destacando-se o africâner, inglês, ndebele – contribuem para ampliar e intensificar os conflitos e os problemas sociais que resultam em elevado número de assassinatos, assaltos, estupros, violência doméstica, expansão do número de casos de AIDS, particularmente no sexo feminino (31%), sobretudo mulheres negras.

A África do Sul é o maior produtor e consumidor de energia do continente africano devido a apresentar quadro natural diversificado de recursos energéticos, ao mesmo tempo em que é o país mais industrializado da África.

Entre os recursos naturais, o território apresenta subsolo rico em minerais, destacando-se na produção de carvão mineral, manganês, ferro, cobre, platina, diamante, ouro, urânio, além do potencial hídrico, fundamentais para o desenvolvimento industrial e econômico do país.

O APARTHEID NA ÁFRICA DO SUL

O processo de ocupação europeu na África apresentou duas formas distintas: uma de caráter mercantilista (século XV-XIX) e outra de caráter imperialista (XIX-XX). A partilha do continente africano entre as potências europeias da época foi oficializada com a Conferência de Berlim (1884-85) e destruiu por completo as estruturas sociais e econômicas das antigas comunidades africanas.

Nestes termos, inicialmente com a fase mercantilista, a África do Sul foi ocupada pelos colonos brancos de origem holandesa, denominados de bôeres, ocupando inicialmente o cabo da Boa Esperança no século XVII, localizado no extremo sul da África do Sul, os quais fundaram a Cidade do Cabo com o apoio da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Com a mesma finalidade, ocorreu o processo de expansão do domínio inglês na África, particularmente na África do Sul onde estavam localizados os bôeres, resultando no choque de interesses devido a sua localização estratégica, provocando o deslocamento dos povos de origem holandesa para o interior do país, onde fundaram o Estado Livre de Orange e a República de Transvaal, depois de expulsarem de suas terras os povos negros estabelecidos naquela região. Portanto, a formação do Transvaal foi acompanhada da implantação de uma política discriminatória em relação aos negros, estruturados como reserva de mão-de-obra para servir à minoria branca.

Na segunda metade do século XIX, foram descobertas grandes reservas de ouro e diamante nos domínios bôeres, provocando o avanço britânico em direção a essas áreas, o que levou à eclosão da chamada Guerra dos Bôeres (1899-1902), vencida pelos britânicos. Assim, em 1910, formou-se a União Sul-Africana, após a consolidação de uma série de acordos, envolvendo desde a língua oficial do país, que passaria ser o africâner (falado pelos bôeres), até aspectos econômicos, como o que estabelecia que as minas de ouro e diamante seriam exploradas pelos britânicos e as terras de cultivo pelos bôeres.

Com as transformações geopolíticas mundiais acentuadas pelas pressões internas e externas, através de restrições financeiras e comerciais ao país, a política do Apartheid da África do Sul não sobreviveu às transformações que ocorrem na década de 1980. Com o fim da Guerra Fria, a ideia de se manter no continente africano a qualquer custo deixou de ser estratégica para as grandes potências.



Apartheid na África do Sul
(Fonte: <http://www.uruknet.info.com>).

Portanto, o enfraquecimento do governo comandado pela minoria branca europeia, provocou desarticulação da política oficial segregacionista e em 1994 foram realizadas eleições gerais na África do Sul, sendo Nelson Mandela, líder do Congresso Nacional Africano, eleito presidente de um país de quase 80% da população de origem negra e mestiça e finalizando os horrores do apartheid na África do Sul.



(Fonte: <http://www.uruknet.info>).

SUDESTE ASIÁTICO

Nesta parte, buscaremos estudar os principais países que fazem parte do sudeste asiático, destacando Indonésia, Malásia, Tailândia e Vietnã por serem caracterizados pelo crescimento econômico recente nesta região.

O sudeste asiático é formado pela região da Indochina (Mianma, Tailândia, Camboja, Laos e Vietnã), península Malaia (Malásia e Cingapura) e pela Insulíndia (Indonésia, Filipinas e Brunei). Esta região asiática (sudeste) corresponde a 4,5 milhões Km² onde vive uma população de mais de 500 milhões de habitantes, sendo que a Indonésia é o país mais populoso no qual vivem um pouco mais de 206 milhões de habitantes em uma área de 1.948.732 km², sendo a região considerada a área de formigueiros humanos do planeta.



Sudeste Asiático
(Fonte: <http://www.uruknet.info>).

O quadro natural desta porção do continente asiático é dominado pela planície da Indochina, drenada por inúmeros rios que a exemplo do Mekong, tem seus deltas intensamente aproveitados para o cultivo do arroz. Nestes termos, a Insulíndia apresenta um relevo bastante montanhoso e marcado pela presença de vulcões, dificultando o processo de ocupação e a produção de cultivos agrícolas para consumo interno. Por isso, as ilhas da região são predominantemente de origem vulcânica e fazem parte do chamado Cínturão ou Círculo de Fogo do Pacífico.

Uma das principais características do Sudeste Asiático é o elevado contingente populacional e a elevada densidade demográfica, fruto do aumento constante da taxa de crescimento vegetativo (2% ao ano), resultante das elevadas taxas de natalidade em quase todos os países da região, inclusive a Indonésia. Portanto, o crescimento da pobreza nesta região traz consequências que dificultam o desenvolvimento do país em sua plenitude, tais como: elevada taxa de mortalidade infantil e de analfabetismo, baixa expectativa de vida, elevados índices de subnutrição e desnutrição, altas taxas de óbitos por doenças infecciosas e parasitárias.

A Indonésia apresenta uma estrutura etária com predomínio das populações jovens, pois mais de 40% do total de habitantes encontra-se na faixa entre zero e 14 anos. Da mesma forma. A População Economicamente Ativa (PEA) que serve como indicador de desenvolvimento do país se caracteriza por concentrar aproximadamente 70% da PEA nas atividades agropecuárias, indicando forte dependência econômica do setor primário na economia do país. A principal religião praticada no país é o islamismo, assim como no Paquistão e em Bangladesh.



Agricultura no sudeste da Ásia

O expansionismo imperialista europeu também territorializou o sudeste asiático, destacando o domínio espanhol nas Filipinas, os holandeses e portugueses na Indonésia, e os franceses na Indochina (especialmente no Vietnã). Nestas áreas as lutas pela independência no pós-guerra transformaram-se em violentos conflitos armados, que levaram décadas e muitas mortes até terminarem com a expulsão dos colonialistas.

A Ásia de Sudeste é rica em recursos minerais e energéticos destacando-se pela projeção internacional, o estanho ou cassiterita explorado na Malásia (maior produtor mundial) e o petróleo, extraído na Indonésia, que faz parte da Organização dos Países Produtores de Petróleo (OPEP), considerado um dos maiores cartéis do mundo. Com isto, alguns países conseguiram recentemente se industrializar a partir de investimentos externos, com elevada taxa de crescimento industrial bastante elevada com grande repercussão mundial. Por isso, esses países foram denominados de Tigres ou Dragões asiáticos, sendo que cinco dos oito países que fazem parte deste grupo estão localizados no sudeste da Ásia, a saber: Cingapura, Malásia, Tailândia, Vietnã e Indonésia (os demais, Coreia do Sul, Hong Kong e Taiwan). Destes, Malásia, Tailândia, Vietnã e Indonésia são denominados de Novos Tigres asiáticos, por entrarem recentemente neste bloco de países que passaram pelo acelerado processo de industrialização.

CONCLUSÃO

Diante da necessidade de expansão dos interesses econômicos das nações imperialista nas áreas ricas do planeta em recursos naturais e posteriormente, ricas em mercado consumidor, surge o interesse das potências imperialista em transformar determinados países em subpotências regionais com a finalidade de proteger e intensificar as relações econômicas nos mercados regionais. Nestes termos, várias políticas de incentivo a industrialização, reestruturação de portos, ampliação de ferrovias, investimentos de capital, dentre várias formas de intervenção, foram adotadas e influenciaram na formação/deformação da vida econômica e políticas dos Estados-Nação de alguns países estrategicamente localizados em áreas promissoras do capitalismo periférico, tornando-os cada vez mais comprometidos como o projeto expansionista do capitalismo imperialista.



RESUMO

Nesta aula, observa-se que tanto o processo de colonização, quanto a fase imperialista deixaram marcas registradas na forma e na organização territorial nos países semi-emergentes localizados nos diferentes continentes do mundo. As semelhanças podem ser relacionadas aos aspectos econômicos e sociais e ao tipo de colonização, enquanto que as diferenças podem ser percebidas no que tange aos aspectos culturais, religiosos e linguísticos,

Portanto, percebe-se, ao longo da aula, que os países emergentes conseguiram se integrar mais intensamente à economia global, principalmente no pós-guerra fria, devido à abertura econômica e política das nações subdesenvolvidas e orientais ao expansionismo industrial europeu, norte-americano e japonês.

Nestes termos, países como México, África do Sul, Brasil, Indonésia, Malásia, Tailândia, Vietnã, entre outros adotaram uma política econômica de substituição do modo de produção agroexportador, implementada pela diversificação produtiva. Portanto, torna-se evidente que estes países apresentam diferenças culturais e singularidades quanto ao grau de dependência econômica e tecnológica e aos demais aspectos sociais resultantes desta relação com as nações desenvolvidas e industrializadas.



ATIVIDADES

1. Fazer uma pesquisa sobre o processo de colonização imposta pelos europeus no México, África do sul e no Sudeste Asiático. Elabore o texto com no máximo duas páginas.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Cuidado!!!! Os países semi-emergentes apresentam singularidades e pluralidades quanto ao quadro natural, população, economia, cultura, religiosidade e condições de vida. Portanto, analisem criteriosamente cada país no seu contexto histórico e geográfico.



PRÓXIMA AULA

Na aula seguinte será analisado o processo de ocupação e exploração no Oriente Médio e no Sudeste Asiático, destacando-se os aspectos econômicos e culturais destas regiões por concentrar maior parte dos países que fazem parte da Organização Produtora e Exportadora de Petróleo (OPEP). Portanto, revisem os conceitos sobre colonialismo, imperialismo e neocolonialismo para facilitar a compreensão do “jogo” no nesta parte do continente asiático.



AUTOAVALIAÇÃO

Ao estudar o processo de construção dos países emergentes nos proporciona entender as relações de poder que estão presentes entre as nações. Nestes termos, para compreender a nossa história (nação) se faz necessário estudar a relação de forças internas e externas que compõe o “jogo” no quebra-cabeça global.

REFERÊNCIAS

- ARELLANO, Alejandro, B. CHIAPAS: construindo a esperança. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.
- GARCIA Helio C. & TITO, Marcio C. Geografia Geral. Volume único. São Paulo: Editora Scipione, 2000.
- HAESBAERT, Rogério. Morte e vida da região: antigos paradigmas e novas perspectivas da geografia regional. IV Seminário do Pensamento Geográfico. UNESP 2001. Reformulado no XXII Encontro Estadual de Geografia. Porto Alegre: AGB, 2002.
- LAVINAS, Lena. Requalificando conceitos: quimera ou inovação? In: Reestruturação do espaço urbano regional no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1993.
- SOUZA, Marina de M. África e Brasil Africano. São Paulo: Editora Ática, 2006.